

José Sarney e Luís Eduardo Magalhães afinaram os violinos em conversa reservada na última sexta-feira. No que depender dos presidentes, Senado e Câmara trabalharão juntos para aprovar as reformas constitucionais e devolver o País ao regime presidencialista, encerrando as ambigüidades da Carta de 1988.

Para levar o Congresso a abrir mão de poderes que não consegue exercer, os dois políticos só vêm um caminho: acabar com a farra da medida provisória. Não é a única, mas é a parte mais cara da fatura que vão levar ao presidente Fernando Henrique Cardoso, no momento oportuno.

Este momento, avaliam, chegará quando o governo apresentar seus projetos de reforma. Por conta do Congresso, elas terão de incluir mecanismos para, no mínimo, evitar que o Executivo continue legislando pela reedição continuada das MPs.

Sarney e Luís Eduardo bem gostariam de devolver, sem contemplação, as 16 medidas reeditadas no último dia de janeiro. Mas ainda não é o momento de fazer cara feia para o Planalto.

Vitória parcial

José Serra e Pedro Malan venceram a primeira batalha do salário mínimo, mas o fogo sobre o Planalto continua cerrado. A base política do governo — PSDB, PMDB e PFL, sem distinção de credo — trabalha para que Fernando Henrique estenda até abril o pagamento do abono de R\$ 15 sobre o mínimo de R\$ 70.

O martelo estava praticamente batido em favor dos políticos, na noite de quinta-feira, quando os economistas viraram o jogo. Conquereram o presidente de que o governo daria, junto com o abono, um péssimo sinal ao mercado, aquecendo o consumo e autorizando, tacitamente, remarcações em série.

A manobra dos economistas provocou surpresas do Ceará ao Palácio dos Bandeirantes.

Agonia

Para falar mal do governo no PFL, é só puxar o assunto Humberto Lucena. Cardeais e bispos do partido preferiam que Fernando Henrique sancionasse a anistia no mesmo dia em que a recebeu do Congresso. O assunto estaria morto e sepultado, nos jornais, há pelo menos duas semanas.

Provocação

Quando o assunto é o autocorte do salário presidencial, os pefelistas acham que foi pura demagogia.

E uma bofetada nos parlamentares, que votaram tudo em combinação com o governo.

Assim mesmo, vão levando.

No fundo

A "doação" de um prédio na Avenida Paulista ao fundo Previ foi feita em janeiro, para pagar uma dívida do BB que, em dezembro do ano passado, somava R\$ 36 milhões. O fundo não chiou, o BB quitou a dívida com o prédio e tornou seu balanço de 94 R\$ 36 milhões menos pior do que deveria ter sido.

Entre intenção e gesto

A professora Ana Peliano, escolhida para dirigir o Comunidade Solidária, tem nas mãos o programa mais importante do primeiro ano de governo, o único capaz de gerar fatos positivos junto aos verdadeiros responsáveis pela eleição de Fernando Henrique.

Politicamente colada às melhores intenções do presidente, a professora está distante anos-luz dos cofres onde fica o dinheiro para seu trabalho.

A observação já foi feita ao próprio FH, entre outras pessoas, pela governadora Roseana Sarney.

Memoriol

Ainda aturdido com as demonstrações de força dos antigos arenistas no Congresso e no Ministério, o deputado José Genoíno (PT-SP) saudou o senador Francelino Pereira (PFL-MG), que foi presidente do Arenão vinte anos atrás:

— Francelino, você tinha razão! Seu partido é mesmo o maior do Ocidente, está no poder até hoje.

Francelino devolveu-lhe um sorriso de quem nunca deixou de mandar.

Abre-alas

José Sarney e Luís Eduardo Magalhães têm, abaixo deles, as duas piores mesas já eleitas no Congresso. Nem por isso precisam fazer feio na administração de Senado e da Câmara.

Seus antecessores, Humberto Lucena e Inocêncio Oliveira, fizeram um programa de obras e gastos capaz de satisfazer o chamado baixo clero pelos próximos dois anos.

Isso inclui a inauguração de uma capela e a criação de 25 cargos na injustificável representação que o Senado mantém no Rio, um dos últimos gestos da administração Lucena.

Além do mais, o problema dos salários dos parlamentares está mais que resolvido.

Três por quatro

Jader Barbalho, novo líder do PMDB no Senado, é a mais perfeita tradução do partido.

Atua no circuito Norte-Nordeste, onde estão os maiores interesses e bancadas do PMDB. Foi "autêntico" e hoje é pragmático.

Com a virtual transformação dos gaúchos em um enclave regional dentro do PMDB, Jader é o político com futuro mais promissor na legenda.

Dissonâncias

Reinhold Stephanes confirmou ontem o que Pedro Malan negava há uma semana: os estudos para trazer de volta a cobrança do fundo IPMF.

Existe, de fato, um problema de comunicação no governo.

Nem que seja entre seus próprios ministros.

Correção

Cada vez mais sólida a sensação, em Brasília, de que o ministro José Serra não é a pessoa mais poderosa da Esplanada.

Ele é o poder em pessoa.

Perguntar não ofende

Aqui pra nós, presidente: quinze mangos pagam tanto desgaste?

JOGO RÁPIDO

■ Governador de Brasília, o petista Cristóvam Buarque está achando moleza cumprir a nova rotina. "Ser reitor era muito mais difícil", compara. "Agora tenho pelo menos os domingos de folga. Na Universidade, nem isso".

■ O ministro Nelson Jobim provocou espanto quando demonstrou, em reunião com o PFL, o perigosíssimo "efeito cascata" do novo salário de parlamentares e ministros sobre a burocracia. Todo mundo aplaudiu, mas ninguém abriu mão do seu.

■ Fernando Henrique abriu a semana pensando no México, só nele. Depois teve de abrir o olho para as pesquisas. Agora só pensa no salário mínimo e um pouco na guerra dos Andes.

■ Tem vaca estranhando bezerro no PSDB. Na toada em que vão as surpresas com o governo, teremos em breve uma ala de "autênticos" no partido, como no velho MDB, de onde saíram os tucanos. Conversas à meia-luz já acontecem.

■ Nenhum senador pode alegar surpresa diante das denúncias contra o colega Ernandes Amorim (PDT-RO), acusado de envolvimento com tráfico até pela Enciclopédia Britânica. Todos os jornais deram a ficha do homem antes que ele fosse eleito para a mesa do Senado.

■ Do noviço Fernando Gabeira (PV-RJ) ao presidente Luís Eduardo Magalhães, no primeiro dia de Câmara: "Gabinete, correios, telefones, carro, meu próprio salário... Tudo isso é pago com o dinheiro do contribuinte?" E Luís Eduardo, sem ligar para a claue do deputado verde, devolveu: "É sim, Excelência."

■ O deputado petista José Genoíno aposta que a primeira fratura do novo governo vai acontecer no relacionamento com os governadores aliados. A conferir.

■ Tucanos de todas as plumagens sentem um arripio: o ex-ministro Ciro Gomes voltou a falar. Sobre economia...